

COMPORTAMENTOS DOS JOVENS UNIVERSITÁRIOS FACE À VIOLÊNCIA NAS RELAÇÕES AMOROSAS

Madalena Sofia Oliveira
Ana Isabel Sani

Este estudo incidiu sobre a problemática do comportamento dos jovens universitários relativamente à violência nas relações amorosas. Para tal definimos como objectivos específicos desta investigação: a) identificar e caracterizar comportamentos violentos que podem ocorrer nas relações amorosas da população universitária; b) identificar o predomínio das diferentes formas de violência nas relações amorosas, analisando o ponto de vista da vítima e do agressor; c) verificar se há diferenças ao nível dos comportamentos de agressão e/ou vitimação em função da variável género associada aos comportamentos. A recolha de dados efectuou-se junto de uma amostra de alunos a frequentar cursos de licenciatura pertencentes à Faculdade de Ciências Humanas e Sociais e à Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Fernando Pessoa. Este estudo contemplou uma metodologia quantitativa e a utilização como instrumento de recolha do Inventário de Comportamentos de Violência nas relações íntimas (IVC-2), cujos autores são Machado, Matos e Gonçalves (2001). Os resultados revelam a existência de interacções violentas no âmbito das relações amorosas, perpetrada tanto pelo género masculino como pelo feminino, identificando-se e diferenciando-se algumas tipologias de violência. Resultados diversos foram também encontrados quando nos debruçamos especificamente sobre a vitimação.

Palavras-chave: violência; jovens universitários; relações amorosas

1. Violência nas relações amorosas

A natureza relacional do ser humano leva-o a estabelecer laços com os outros, ligações de afecto que completam e dão sentido à sua vida. No entanto, o Homem não assume apenas um papel cordial nos seus relacionamentos: o conflito estabelece-se como componente perturbadora e a violência assume-se como uma estratégia nesse conflito, como expressão de frustração e de raiva para com o outro.

Uma das maiores contradições da natureza humana é o facto de algumas das ofensas pessoais mais severas ocorrerem nas relações de amor (Arriaga & Stuart, 1999). A violência entre pessoas unidas por laços de intimidade existe desde os tempos mais remotos (Gelles, 1997).

Muehlenhard e Linton (1987, cit. in Jackson, 1999) definiram o namoro como “ uma actividade social planeada com o sexo oposto”, excluindo, deste forma, o namoro homossexual. Face à dificuldade de definir o namoro, Sugarman e Hotaling (1991, cit. in Jackson, 1999) propuseram uma definição que abarca três dimensões: o compromisso, a interacção futura e a intimidade física. Ao mesmo tempo, reconheceram que o namoro pode envolver uma variação considerável nestas dimensões. A confusão acerca do “namoro” poderá ser evitada se os

investigadores que se dedicam a este tema, tornarem explícita a sua definição operacional de namoro para o estudo da violência ou da agressão.

O estudo sobre a violência interpessoal sempre colocou um maior enfoque na violência doméstica e no abuso de menores (e.g., Briere & Runtz, 1988; Browne & Finkelhor, 1986; Hotaling & Sugarman, 1986, cit. in Lewis & Fremouw, 2001). Foi apenas nas duas últimas décadas que os estudos empíricos contrariaram a ideia de que a violência no namoro era um fenómeno raro (e.g., Clark, Becket, Wells & Dungee-Anderson, 1994; Lane & Gwartney-Gibbs, 1985; Mashall & Rose, 1987; O'Keefe, Brockopp & Chew, 1986; Riggs, O'Leary & Breslin, 1990, cit. in Lewis & Fremouw, 2001).

O aumento da pesquisa bibliográfica sobre agressão e violência no namoro estabeleceu motivos de preocupação acerca da violência ocorrente nas relações universitárias por todos os Estados Unidos. A pesquisa estendeu o conhecimento existente, não apenas sobre a incidência e tipos de violência mas também sobre as consequências, factores contribuidores e diferentes géneros. Os estudos que surgem são oriundos dos Estados Unidos, do Canadá e Reino Unido (Carlson, 1987; Sugarman & Hotaling, 1989, cit. in Jackson, 1999).

Na sua maioria, o tipo de violência investigada cinge-se à violência física. Apenas alguns estudos investigaram a violência psicológica (Dekeseredy, 1990; Hockenberry & Billingham, 1993; Kasian & Painter, 1992; Le Jeune & Follette, 1994; Molidor, 1995; Stets, 1991; Stets & Pirog-Good, 1989, cit. in Jackson, 1999). A frequência de desavenças verbais e de conflitos nas relações é bastante associada à violência física (Hoffman, Demo & Edwards, 1994; Jewkes, Penn-Kekana & Levin, no prelo; Straus, Gelles & Steinmetz, 1980; Stets, 1990, cit. in Jewkes, 2002). Estes conflitos relacionam-se, na maior parte das vezes, com a transgressão dos papéis sociais atribuídos às mulheres, numa postura conservadora (Jewkes, 2002).

No que se refere à violência em relações de afecto sem vínculo conjugal, torna-se necessário separar a violência que ocorreu em diferentes relacionamentos. A maior parte dos estudos não distingue entre respostas descritas sobre múltiplas relações e as repostas descritas de uma relação apenas. Henton, Cate, Koval, Lloyd e Christopher (1983, cit. in Jackson, 1999) optaram por questionar os sujeitos de forma a estes indicarem o número de relações em que a violência havia ocorrido.

Namorar é uma das actividades centrais nas vidas de muitos adolescentes e jovens, cujas identidades dependem, em parte, das diferentes experiências que têm, incluindo interacções de foro amoroso. Os adolescentes/jovens podem entrar nas suas relações com expectativas de amor, amizade, sexo e felicidade. Para muitos, esta será provavelmente a sua primeira experiência, mas para 12% no ensino secundário e 36% no ensino superior (Carlson, 1987, cit.

in Jackson, 1999) será um encontro com a agressão ou a violência, quer seja física, sexual e/ou psicológica, nestas que são as suas primeiras relações heterossexuais.

Outros autores sugerem que a primeira experiência de violência nas relações ocorre no liceu (Jackson, Crane & Seymour, 2000; Kreiter et al., 1999, cit. in Gover, 2004) e que a maior parte dos adolescentes experiencia um episódio de violência na relação íntima aos 15 anos (Henton, Cate, Koval, Lloyd & Christopher, 1983, cit. in Gover, 2004).

Experiências anteriores de violência podem funcionar como preditores de comportamentos subsequentes, quer no que se refere à vitimização, quer à perpetração das agressões. Há, contudo, que ter em conta que os estudos referentes a esta variável se dedicam à análise dos padrões de transmissão intergeracional do abuso, adoptando este modelo para explicar os comportamentos abusivos que têm lugar dentro das relações (Coffey et al., 1996; Follette & Alexander, 1992; O'Keefe et al., 1986; O'Keefe, 1998, cit. in Lewis & Fremouw, 2001).

Enquanto que, em alguns estudos, a idade pode ser assinalada como um factor de risco ligado à juventude (Bachman & Saltzman, 1995; Ratner, 1993, cit. in Jewkes, 2002), na maior parte das investigações não surge como preditor significativo de violência no namoro (Arias et al., 1987; Marshall & Rose, 1987; Reuterman & Burcky, 1989, cit. in Lewis & Fremouw, 2001).

A diversidade de critérios utilizada relativamente à temática da violência nas relações amorosas leva a que os resultados obtidos nas diferentes investigações careçam de consenso. Há dificuldade em estabelecer comparações entre os diversos estudos realizados, uma vez que se encontram sempre diferenças a nível da amostra, nomeadamente a idade, a nível metodológico, variando a técnica utilizada para recolher os dados, recorrendo-se mais ao auto-relato, e a nível da técnica de análise utilizada (Sugarman & Hotaling, 1989, cit. in Lewis & Fremouw, 2001).

2. O estudo sobre comportamentos de violência nas relações amorosas

2.1. Objecto e objectivos do estudo

Do ponto de vista social, entende-se que o fenómeno da violência nas relações amorosas, seja ela física, psicológica ou sexual não é isolado e, como tal, deve ser reconhecido como algo complexo que necessita de uma intervenção eficaz.

Definimos o objecto de estudo desta pesquisa como a violência nas relações amorosas, focalizando-se a nossa investigação no estudo das relações amorosas, comportamentos na

comunidade universitária. Ao delinear o objecto de estudo definimos os seguintes objectivos de investigação, sendo eles:

1. Identificar e caracterizar comportamentos violentos que podem ocorrer nas relações amorosas da população universitária;
2. Identificar o predomínio das diferentes formas de violência nas relações amorosas, analisando o ponto de vista da vítima e do agressor;
3. Verificar se há diferenças ao nível dos comportamentos de agressão e/ou vitimação em função da variável género associada aos comportamentos.

2.2. Variáveis e Hipóteses

As variáveis presentes neste estudo, categorizam-se em variáveis independentes (que correspondem à ideia de causa) e variáveis dependentes (que correspondem à ideia de efeito produzido). Neste estudo, foram então, consideradas como variáveis dependentes os comportamentos dos jovens universitários, face à violência nas relações amorosas. Foram consideradas as seguintes variáveis independentes relevantes para o estudo: (1) género: feminino e masculino (2) idade: dos 18 aos 50 anos (3) ano da licenciatura: 1º ano, 2º ano, 3º ano, 4º ano e 5º ano (4) Licenciaturas: Serviço Social, Psicologia, Eng. Informática, Eng. Ambiente, Marketing, Gestão, Economia e Finanças, Eng. Civil, Arquitectura, Relações Internacionais, Eng. Comunicação, Ciências da Comunicação, Relações Públicas e Literatura Comparada (5) Estado civil: Solteiro, casado ou em união de facto e separado ou divorciado.

Face à problemática teórica definimos as seguintes hipóteses:

#1-“As relações amorosas de jovens universitários não deixam de estar marcadas por comportamentos de violência independentemente das características específicas deste grupo” (Lane & Gibbs, 1985; Henton, Cate, Koval, Lloyd & Christophen, 1983).

#2-“Considerando a experiência de mais do que um relacionamento amoroso na vida dos sujeitos, existirá diferenças na perpetração de violência no passado para o presente, assumindo os jovens universitários terem cometido mais actos violentos nas relações anteriores do que nas actuais” (Machado, Matos & Moreira, 2003).

#3 -“A violência sexual figurará também nesta população como uma forma de agressão no âmbito das relações amorosas, afirmando os jovens de género feminino a experiência desse tipo de vitimação” (Gameiro, 2002; Taylor & Sorenson, 2004).

#4-“No que respeita aos relacionamentos amorosos actuais, há diferenças em função do género, quer na perpetração de actos violentos quer na vitimação, apresentando-se os rapazes como os que mais agridem, como os que mais são vitimados” (Paiva & Figueiredo, 2004).

#5-“No que respeita aos relacionamentos amorosos do passado, há diferenças em função do género, quer na perpetração de actos violentos quer na vitimação, apresentando-se os rapazes como os que mais agridem, como os que mais são vitimados” (Paiva & Figueiredo, 2004).

2.3. Metodologia

2.3.1. Caracterização da amostra

A nossa amostra é composta por 227 estudantes, de 14 licenciaturas, da Universidade Fernando Pessoa (Sede-Porto) perfazendo 11% do universo escolar. Para a constituição da referida amostra procedemos segundo um tipo de amostragem aleatória entre os alunos da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais e alunos da Faculdade de Ciências e Tecnologia. A preocupação com a distribuição dos inquiridos prendeu-se, essencialmente, com a distribuição por géneros.

Dos 227 inquiridos 151 são do sexo feminino e 76 de sexo masculino com idades compreendidas entre os 18 e 50 anos e a média de idades é de 24 anos, com um desvio padrão de 4,164. Esta amostra teve em conta a população total da Universidade Fernando Pessoa.

Os sujeitos inquiridos, 163 frequentam a Faculdade de Ciências Humanas e Sociais e 64 a Faculdade de Ciências e Tecnologia. Os participantes estão divididos pelos seguintes cursos: Serviço Social, Psicologia, Engenharia do Ambiente, Engenharia Civil, Engenharia Informática, Gestão, Economia e Finanças, Arquitectura e Urbanismo, Marketing, Relações Internacionais, Ciências da Comunicação, Relações Públicas, Engenharia da Comunicação e Literatura Comparada. Dos sujeitos inquiridos, 212 são solteiros, 12 são casados ou vivem em união de facto e 3 são divorciados ou separados. Relativamente ao seu envolvimento afectivo, 152 dos participantes mantêm relações actuais, enquanto que 75 não mantêm qualquer tipo de relação amorosa. De acordo com a nossa amostra 217 já estiveram no passado envolvidos com alguém do ponto de vista amoroso. Enquanto que 10 sujeitos revelaram nunca ter tido nenhuma relação amorosa no passado.

2.3.2. Instrumento

Utilizamos inquéritos por questionários elaborados e testados previamente que foram usados para medir os comportamentos desta população.

O instrumento que utilizamos é designado por I.V.C.-2 (Inventário de comportamentos de violência nas relações íntimas), cujos autores são Machado, Matos e Gonçalves (2001). Este instrumento é composto por 21 itens que pretendem analisar as relações passadas e as relações presentes, dos inquiridos. A primeira parte refere-se a comportamentos violentos que o participante tenha sofrido no último ano. A segunda, por sua vez, refere-se a comportamentos abusivos que o participante tenha sofrido no passado no contexto de qualquer relação amorosa que tenha mantido. Em ambas as partes é pedido aos participantes que refiram a frequência dos comportamentos abusivos quando estes existem. Os itens reflectem comportamentos abusivos no contexto de relacionamentos íntimos, nomeadamente comportamentos físicos e emocionalmente abusivos, comportamentos de intimidação e comportamentos sexualmente abusivos.

O IVC 2 para além de permitir conhecer as diferentes formas de violência dirigidas aos participantes, também dá informação acerca dos comportamentos abusivos dos participantes dirigidos ao seu parceiro. Permite-nos também identificar a frequência com que ocorrem estes tipos de violência ao longo da vida e igualmente distinguir a sua incidência no momento actual.

2.3.3. Procedimentos

A administração dos questionários ocorreu na Universidade Fernando Pessoa em Junho de 2004. O mesmo instrumento foi administrado aos alunos no decorrer das aulas, tendo-se obtido autorização prévia por parte da reitoria e das referidas faculdades para a condução do estudo, abordando posteriormente os docentes das respectivas turmas que participaram na investigação. Antes da administração dos questionários foi explicado o objectivo do estudo, assim como o carácter anónimo e voluntário da participação. Terminado o preenchimento do questionário, os sujeitos deixavam o mesmo em cima da mesa. O tempo médio para o preenchimento do instrumento foi de cerca de 15 minutos.

2.4. Resultados

2.4.1. Análise descritiva

Tendo em conta os sujeitos que mantêm relações amorosas actualmente, 52% admitem ter adoptado comportamentos violentos, pelo menos uma vez, com o seu/sua parceiro/a e 42% admitem ter sido vítimas de pelo menos um acto abusivo. No que se refere a relações passadas 33% admitem ter praticado pelos menos um acto abusivo nos seus relacionamentos, enquanto que 41% afirmam terem sido vitimados pelos seus parceiros amorosos. Convém salientar que estes actos podem ter surgido como um acontecimento isolado e não como uma prática recorrente.

Após a análise dos diversos comportamentos compreendidos no IVC-2, verificámos que os actos mais usualmente perpetrados nas relações presentes dos sujeitos inquiridos, alistam-se naquilo que podemos denominar de violência psicológica: insultar, difamar ou fazer afirmações graves para humilhar ou “ferir”, sendo que 10,6% dos sujeitos assumem ter perpetrado tais actos, enquanto que 11,9% assumem ter sido vítimas destes comportamentos. No que respeita a actos como o gritar ou o ameaçar com intenção de causar medo, 9,7% dos sujeitos inquiridos assumiram ter agredido a/o companheira/o mais do que uma vez, enquanto 7% admitem ter sido vitimados pelo seu/sua companheiro/a. Quando referimos o acto de partir ou danificar coisas intencionalmente (ex. móveis, objectos pessoais) ou deitar a comida para o chão para meter medo, 4% dos sujeitos diz já o ter feito e 2,2% diz que já lhe fizeram.

No que se refere às relações afectivas passadas foram encontrados resultados idênticos, mas ao nível da violência psicológica e física, com excepção dos seguintes actos: 4% diz já ter puxado e lhes terem puxado os cabelos com força. Dos sujeitos inquiridos, 7% afirma ter recebido e empregado bofetadas, mais do que uma vez nas suas relações 2,2% diz ter perseguido na rua, no emprego ou no local de estudo para causar medo, enquanto que 5,3% diz já ter sido vítima de perseguição.

Convém salientar que actos de violência física também estão presentes no estudo, são exemplos disso o apertar o pescoço, onde 1,3% afirma já ter perpetrado e 3,1% afirma ter sido vítima. 2,6% e 4,4% assumem ter puxado o cabelo com força aos seus companheiros e terem sido puxados, respectivamente. Por outro lado, 2,2% diz ter dado um murro no companheiro e 2,6% diz ter sido vítima. Quando nos referimos ao uso de armas (ex. faca, pistola, objectos cortantes) para ameaçar ou ao uso de força física, 0,9% revela já o ter feito e 1,3% revela ter sido vitimada. Questionados sobre o facto de dar um murro à/ao companheira/o, 2,2% afirma já o ter feito e 2,6% revela já lhe terem feito. Dos sujeitos inquiridos 6,2% confessa já ter

empurrado violentamente a companheira e 5,7% diz já ter sido empurrada mais do que uma vez. Quando referimos os actos sexuais contra a vontade, 0,9% dizem ter sido forçado e forçar alguém a fazê-lo. Quando abordados sobre o facto de já terem perpetrado ou serem vítimas de uma sova 1,3% diz já o ter feito e 0,9% diz ter sido vítima. Os resultados obtidos tanto no presente, como no passado foram muito idênticos, por esse motivo não houve a necessidade de separar os itens por diferentes momentos.

2.4.2. Análise diferencial

Como podemos verificar através da análise do quadro I, relativamente ao total de agressões no presente, o género masculino apresenta uma média superior ao género feminino, acompanhado de um desvio padrão também superior. Assim, a partir da leitura do Test T de *Student* ($t=2,959$; g.l.= 150; $p<.004$) constatámos que existem diferenças estatisticamente significativas ($p<.01$) entre os géneros, denunciando que os rapazes fazem mais uso de actos violentos nos seus relacionamentos amorosos actuais.

QUADRO I – Teste T de *Student* para análise de diferenças de género no presente

Variáveis	Género	N	Média	D. Padrão	t	g. l.	p.
Total de Agressões no Presente	Masc.	47	23,79	6,884	2,959	150	.004
	Fem.	150	21,14	4,056			
Total de Vitimações no Presente	Masc.	47	23,85	7,506	3,028	147	.003
	Fem.	102	21,05	3,944			

Quando nos deparámos com o total de vitimações no presente, novamente o género masculino apresenta uma média e um desvio padrão superior ao género feminino. Através da aplicação do Test T de *Student* ($t=3,028$; g.l.=147; $p<.003$) verificámos existirem diferenças estatisticamente significativas ($p<.01$), que demonstram os rapazes, mais que as raparigas, reconhecem ter sido objecto de comportamentos violentos nos seus relacionamentos amorosos actuais.

Outra conclusão a que podemos chegar, através da observação dos resultados, deve-se ao facto de tanto a agressão como a vitimação, no presente, apresentarem níveis de significância muito próximos.

Relativamente às relações amorosas passadas e tendo em conta o nosso quadro II, constatámos que o género masculino apresenta, mais uma vez, a média e o desvio padrão

superior ao género feminino. Os resultados quanto à agressão ($t=2,647$; $g.l.= 215$; $p<.009$) revelam existir diferenças estatisticamente significativa para $p<.01$, indicando que já nas relações do passado, este grupo de rapazes fazia mais uso que o grupo de raparigas de actos violentos nos seus relacionamentos amorosos.

QUADRO II – Teste T de Student para análise de diferenças de género no passado

Variáveis	Género	N	Média	D. Padrão	t	g. l.	p.
Total de Agressões no Passado	Masc.	72	22,94	5,637	2,647	215	.009
	Fem.	145	21,17	4,064			
Total de Vitimações no Passado	Masc.	69	22,75	4,364	1,694	211	.092
	Fem.	144	21,58	4,878			

Tendo em conta as relações amorosas passadas e quanto à vitimação, verificamos uma média mais elevada no género masculino e o desvio padrão mais elevado no feminino. Todavia, constatámos pela análise do quadro II que não há diferenças estatisticamente significativas entre os géneros ($t=1,694$; $g.l.= 211$; $p<.092$), pelo que, no que se refere à hipótese #5, os resultados foram parcialmente confirmatórios, conduzindo-nos à infirmação da presente hipótese.

2.5. Discussão dos resultados

Fazendo uso de uma base generativa previamente escolhida, foram construídas hipóteses de investigação que orientaram o nosso estudo. Os resultados obtidos foram de encontro à bibliografia consultada, com a excepção das diferenças encontradas na ocorrência de violência nas relações passadas, ocorrência esta que não se revelou superior à ocorrência de violência nos relacionamentos actuais. Uma análise mais aprofundada permitiria uma interpretação dos resultados mais alargada. Desta forma, a discussão dos resultados terá por base uma plausibilidade, evitando assim chegar a conclusões abusivas.

Tendo em conta dos resultados apresentados e os estudos efectuados neste âmbito, a hipótese #1 “As relações amorosas de jovens universitários não deixam de estar marcadas por comportamentos de violência independentemente das características específicas deste grupo” foi confirmada, na medida em que 52% dos inquiridos admitem ter agredido o seu companheiro amoroso e 42% admitem terem sido vitimados nas suas relações. Nos resultados do estudo de Henton, Cate, Koval, Lloyod e Chistophen (1983) ficou claro que os adolescentes experienciam violência nas suas relações amorosas, com alguma frequência e intensidade consideráveis. O

estudo de Lane e Gibbs (1985) revela a incidência de violência e agressões graves entre os pares amorosos. O estudo também divulga que quase todos os inquiridos estiveram envolvidos nalgum tipo de conflito. Nas relações amorosas, os jovens parecem tolerar e exercer violência como meio de atingir os seus objectivos, que poderão passar pelo controlo do companheiro e pela diferenciação dos papéis nessas relações de afecto. A violência interpessoal não pode ser separada dos factores culturais e estruturais da sociedade, sendo por isso importante contextualizar estes comportamentos no período histórico-cultural em que vivemos.

Atendendo a que o instrumento utilizado contemplou diversos comportamentos tidos como violentos, tornou-se necessário categorizá-los segundo alguns parâmetros. Desta forma, optamos por considerar três categorias: a violência física, a violência psicológica e a violência sexual. Na primeira integram-se actos como puxar cabelos, dar bofetadas, apertar o pescoço, dar murros, fazer uso de armas, empurrar, dar uma sova (APAV, 1998; Lourenço & Carvalho, 2001). Quanto à violência psicológica consideramos actos como difamar, insultar, humilhar, gritar, ameaçar, danificar objectos, deitar a comida para o chão como intuito de causar medo, perseguir, atirar com objectos ao outro (Lourenço e Carvalho, 2001). Dentro da violência sexual inclui-se forçar a prática de actos sexuais (Walker, 1994).

A hipótese #2 “Considerando a experiência de mais do que um relacionamento amoroso na vida dos sujeitos, existirá diferenças na perpetração de violência no passado para o presente, assumindo os jovens universitários terem cometido mais actos violentos nas relações anteriores do que nas actuais” não se comprova, na medida em que a percentagem dos actos violentos é mais alta nas relações actuais do que nas passadas. Contrariamente no estudo de Machado, Matos e Moreira (2003), as relações amorosas passadas dos sujeitos inquiridos mencionam comportamentos de agressão e vitimação ligeiramente superiores às relações presentes. Os nossos resultados podem eventualmente ser compreendidos se atendermos a potenciais processos de aprendizagem que subjazem à aquisição de uma conduta. Senão vejamos, um perpetrador que inicie os comportamentos violentos nas suas primeiras relações e se estes não são condenados socialmente, poderá apreender que agressão é algo legítimo e que a violência poderá ser um método indicado para resolver conflitos. Como tal, a agressividade tenderá a aumentar face à sua legitimação. Pode-se tomar como exemplo a transmissão intergeracional da violência: se determinados comportamentos violentos que têm lugar no seio familiar são aceites, a tendência será para que ocorram num maior número de vezes, aumentando também a sua gravidade.

Comprova-se a hipótese #3 “A violência sexual figurará também nesta população como uma forma de agressão no âmbito das relações amorosas, afirmando os jovens de género feminino a experiência desse tipo de vitimação”, apesar de não poder assumir grande relevância

uma vez que o instrumento falha por apenas apresentar um item direccionado para a violência sexual. O estudo de Gameiro (2002) contempla itens relacionados somente com a violência sexual, daí a elevada taxa de incidência registada. Por seu lado, Taylor e Sorenson (2004) desenvolveram uma investigação que tentou abranger diferentes tipos de violência, entre os quais a violência sexual, que obteve resultados positivos no que respeita à ocorrência nas relações de namoro. É possível que estes resultados se devam à ideologia dominante na sociedade patriarcal, onde a mulher assume um papel passivo e de submissão às vontades do homem (Doerner, 1995). Apesar de abrangermos uma população jovem, há estereótipos enraizados que podem modelar não só condicionar comportamentos, atitudes e crenças dos indivíduos, como também influenciar a enunciação pública dos mesmos.

A hipótese #4 “No que respeita aos relacionamentos amorosos actuais, há diferenças em função do género, quer na perpetração de actos violentos quer na vitimação, apresentando-se os rapazes como os que mais agriem, como os que mais são vitimados” foi confirmada. Podemos conjecturar que a vitimação das mulheres é encarada como algo mais normativo, talvez porque socialmente mais minimizada quer em termos factuais (relativa à visibilidade estatística) quer discursivos (relativa às cifras negras) comparativamente à violência exercida sobre os homens. Porém, a vitimação não é exclusiva de um género, assim como a agressão não é uma característica própria dos homens, todavia associar as mulheres à perpetração de violência contra os seus companheiros assume contornos pouco normativos. Nesta explicação podemos encontrar talvez uma resposta para admissão diferenciada de comportamentos associados à violência. Todavia, há também que perceber que a violência não é necessariamente unidirecional, nem todas as vítimas são passivas e a resposta à agressão surge muitas vezes com um propósito defensivo, retaliatório ou mesmo estratégico (Straus, 1993, cit. Holden, 1998). Portanto, não se exclui a possibilidade de que quem agride possa ser também vítima de violência, podendo o género masculino sobressair na representação do fenómeno da agressão, mas igualmente da vitimação.

A infirmação da hipótese #5 “No que respeita aos relacionamentos amorosos do passado, há diferenças em função do género, quer na perpetração de actos violentos quer na vitimação, apresentando-se os rapazes como os que mais agriem, como os que mais são vitimados” deveu-se ao facto dos resultados não sustentarem a totalidade da afirmação. Embora, no que respeita à vitimação não se encontrem diferenças significativas entre os géneros, a média para a agressão sofrida é um pouco mais alta nos sujeitos do género masculino.

Os resultados obtidos, quer na hipótese #4 quer na hipótese #5, podem revelar um maior à-vontade dos indivíduos para revelarem as experiências de vitimação, deixando um pouco de lado a imagem estereotipada do homem másculo.

Ao contrário dos preconceitos existentes na sociedade, os homens surgem como aqueles que são mais vitimizados pelas companheiras, no que se refere ao sofrimento de abusos físicos e psicológicos. Porém, torna-se interessante comparar estes resultados com as estatísticas disponíveis relativas à vitimação que apontam para um maior número de vítimas do género feminino (APAV, 2003). Esta discrepância poderá ser explicada pela metodologia utilizada para a recolha de dados, uma vez que, enquanto que a informação da APAV foi adquirida junto de pessoas que procuram ajuda pois assumem que são vítimas, o nosso estudo contou com a recolha de dados numa amostra específica, não associada directamente a comportamentos violentos nas relações. Poderá considerar-se que se torna mais fácil assumir o papel de vítima numa situação em que é preservada a identidade da pessoa, realçando as exigências feitas pela sociedade aos indivíduos do género masculino, tidos como “sexo forte”.

3. Conclusões

Se a violência se apresenta como um fenómeno complexo, adquire qualidades mensuráveis através dos comportamentos. Estes, por sua vez, assumem vários tipos e estão sujeitos às categorizações disponíveis no meio científico. É certo que algumas das classificações avançadas podem levantar algumas dúvidas mas é essencial operacionalizar os conceitos envolvidos, por mais difícil que a tarefa possa vir a revelar-se.

A investigação que levamos a cabo direccionou-se para a área das relações amorosas, constructo que abarca toda uma panóplia de ligações mas que, neste caso, teve uma maior ênfase nas relações de afecto sem vínculo conjugal, aproveitando o momento histórico-cultural que atravessamos, onde há, aparentemente, uma maior abertura das mentalidades relativamente a este tipo de relações.

Um grupo de alunos a frequentar uma instituição de ensino superior particular constituiu a amostra para o nosso estudo, sendo que pelas suas características particulares devemos por isso sustentar-nos um pouco quanto as possíveis generalizações ao universo da população universitária portuguesa. Todavia, os resultados obtidos foram bastante elucidativos quanto à problemática da violência nas relações de namoro, contribuindo designadamente para um maior conhecimento da realidade da violência na população universitária.

Após a análise efectuada podemos afirmar que há violência nas relações amorosas e esta pode ser perpetrada tanto por mulheres como por homens. No entanto, no nosso estudo verificou-se que os sujeitos do género masculino perpetram mais violência do que as mulheres, nomeadamente abusos de índole sexual, cingindo-se as últimas à agressão física e psicológica

contra os seus companheiros. Se atendermos a estes resultados, notamos que a mulher transgredir os papéis sociais conservadores que lhe são atribuídos: ao admitirmos que o recurso à violência pode estar associado à luta pelo poder na relação, a mulher legitima a agressão como estratégia. No entanto, esta semelhança nos valores encontrados a nível da perpetração poderá ser devida à utilização dos diferentes tipos de abuso como forma de auto-defesa (Straus & Gelles, 1990). Prevalece, porém, a ideia de que existem diferenças ténues entre os géneros.

Os resultados relativos à comparação dos comportamentos violentos em relações passadas e presentes, notou-se uma maior prevalência dos actos violentos nas ligações actuais. Isto poderá ser devido à desvalorização das experiências passadas face a situações presentes, cujos efeitos ainda não foram esquecidos.

Finalizamos, alertando para a importância de sensibilizar, não só as vítimas, como também os perpetradores, para o perigo da escalada da violência, ou seja, o risco elevado de ocorrerem situações mais graves e repetidas.

Bibliografia

- Arriaga, X. B. & Stuart, O. (1999). *Violence in intimate relationships*. Thousand Oaks, Sage Publications.
- Associação Portuguesa de Apoio à Vítima. (1998). *Manual de Procedimentos*. Lisboa, APAV
- Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (2003). *Estatísticas APAV 2003*. Disponível em <www.apav.pt/estatisticas>. [Consultado em 10-11-04].
- Doerner, W. D. & Lab, S. P. (1995). *Victimology*. Cincinnati, Anderson Publishing Co.
- Gameiro, F. (2002). *Relações sexuais forçadas em estudantes universitários*. Dissertação de candidatura ao grau de mestre em Sexologia. Lisboa, Universidade Lusófona.
- Gelles, R. J. (1997). *Intimate violence in families*. California, Sage Publications.
- Gover, A. R. (2004). Risky lifestyles and dating violence: A theoretical test of violent victimization. *Journal of Criminal Justice*. 32, pp. 171-180.
- Henton, J., Cate, R., Koval, J., Lloyd, S., Christopher, S. (1983). Romance and violence in dating relationships. *Journal of family issues*, vol.4, 3 pp. 467-482.
- Holden, G. W. (1998). Introduction: the development of research into another consequence of family violence. In G. W. Holden, R. Geffner & E. N. Jouriles (Eds.), *Children exposed to marital violence. Theory, research and applied issues*. Washington, American Psychological Association. pp. 1-18

- Jackson, S. M. (1999). Issues in the dating violence research: a review of the literature. *Agression and violent behaviour*, vol. 4 , 2, pp. 233-247.
- Jewkes, R. (2002). Intimate partner violence: causes and preventions. *The Lancet*, vol.359, pp. 1423-1429.
- Lane, K. E. & Gwartney-Gibbs, P. A. (1985). Violence in the Context of Dating Violence. *Journal of Family Issues*. vol.6 n°1. pp. 45-59
- Lewis, F., Fremouw, W. (2001). Dating violence: a critical review of the literature. *Clinical Psychology Review*, vol 21. 1, pp. 105-127.
- Lourenço, N. & Carvalho, M.J.L.(2001). *Violência doméstica: conceitos e âmbitos. Tipos e espaços de violência*. Separata. Themis. Revista da Faculdade de Direito da UNL. Ano II-n°3.
- Machado, C., Matos, M. & Moreira, A.I. (2003). Violência nas relações amorosas: Comportamentos e atitudes na população universitária. *Psychologica*, 3. pp. 69-83.
- Paiva, C. & Figueiredo, B.(2004). Abuso no relacionamento íntimo: Estudo de prevalência em jovens adultos portugueses. *Psychologica*. 36, pp. 75-107.
- Taylor, C. A., Sorenson, S. B. (2004). Injunctive social norms of adults regarding teen dating violence. *Journal of Adolescent Health*, 34, pp. 468-479.
- Walker, L. E .A. (1994). *Abused women and survivor therapy: A practical guide for the psychotherapist*. Washington D. C., American Psychological Association.